

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



O BATUQUE E OS ÒRÌȘÀS: SABERES ANCESTRAIS COMO PEDAGOGIA INTERCULTURAL

Matheus Mello da Silva

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 01 - Poéticas, interculturalidade, infâncias e Educação.

O presente trabalho propõe um olhar intercultural e filosófico sobre a religião de matriz africana denominada Batuque, tradição enraizada em solo gaúcho e profundamente ligada às expressões de ancestralidade, resistência e espiritualidade afro-brasileira. Por meio de uma abordagem vivencial e etnográfica, busca-se compreender como o culto aos òrìșàs, vivenciado e narrado por iniciados, *bàbálórìșà* e *ìyálórìșà*, pode ser compreendido não apenas como prática religiosa, mas como uma autêntica pedagogia. Essa investigação nasce do desejo de romper com as barreiras epistemológicas impostas por uma racionalidade ocidental e colonial, que historicamente silenciou, marginalizou e deslegitimou os saberes afro-brasileiros, relegando-os ao campo do folclore ou da superstição. Nesse sentido, o que impulsiona a pesquisa é a necessidade de resgatar e valorizar o terreiro como espaço de produção e transmissão de saberes, um ambiente comunitário e sagrado onde se ensina e se aprende por meio da ancestralidade, da oralidade, da corporeidade e das práticas rituais.

Ao situar o Batuque dentro do contexto histórico do Rio Grande do Sul, reconhece-se a resistência e a agência de sujeitos negros que, mesmo diante da violência colonial, mantiveram viva uma cosmologia que articula ética, espiritualidade, natureza e coletividade. O terreiro, nesse panorama, se revela como uma verdadeira escola de vida, onde a educação se dá pela experiência, pelo pertencimento e pelo cuidado com o outro e com os ancestrais. Assim, busca tensionar os limites entre religião e educação, propondo uma nova perspectiva intercultural capaz de incluir e dialogar com saberes outrora invisibilizados. É nesse movimento de escuta, diálogo e reconhecimento que se constrói uma proposta de educação antirracista e decolonial, na qual o *Batuque* se apresenta como uma pedagogia ancestral viva e pulsante.

Este estudo tem como objetivo principal aprofundar o papel educativo do *Batuque* e dos òrìșàs na formação humana e educacional, buscando compreender a sua contribuição para a valorização da diversidade cultural e religiosa e a promoção de uma sociedade mais inclusiva. Também compreender de que forma os elementos simbólicos, éticos e espirituais do *Batuque* podem ser integrados a práticas pedagógicas que promovam o respeito à pluralidade e o combate ao preconceito.

A abordagem metodológica adotada neste estudo é de caráter qualitativo, com ênfase na pesquisa etnográfica, vivencial e narrativa, fundamentada no respeito aos saberes ancestrais e nas epistemologias afro-brasileiras. Trata-se de uma metodologia que valoriza o envolvimento direto do pesquisador com o campo de estudo, neste caso, os terreiros de Batuque do Rio Grande do Sul, reconhecendo a importância da experiência compartilhada, da escuta ativa e do engajamento sensível como formas legítimas de produção de conhecimento.

O campo etnográfico deste estudo é o *Ylê Africano de Nação Cabinda Yemanjá Bocí e Odé Cadinã*, localizado no município de Santa Cruz do Sul - RS. Fundado no ano de 2010, o terreiro é dirigido pela *Ìyá Janaina de Yemojá Bocí*, liderança espiritual e cultural que desempenha um papel central na preservação e transmissão dos saberes da *Nação Cabinda* na região. A escolha deste espaço se justifica tanto por sua relevância enquanto centro religioso ativo e reconhecido na comunidade, quanto pela abertura para o diálogo e a partilha de suas experiências como um espaço de resistência, espiritualidade e educação ancestral.

A metodologia empregada busca reconhecer o terreiro não apenas como objeto de estudo, mas como produtor de saberes, cujas práticas ensinam modos de existir, de se relacionar com o mundo e de formar o ser humano. Assim, a inserção no *Ylê Yemanjá Bocí e Odé Cadinã* constitui tanto uma escolha de campo, como uma escolha epistemológica, que afirma a centralidade dos saberes afro-brasileiros como fundamentos legítimos de uma pedagogia intercultural e decolonial.

Por se tratar de uma religião de transmissão predominantemente oral e sem registros escritos, há algumas hipóteses sobre suas origens e local de nascimento. De acordo com Norton Corrêa (2006), a partir de provas provenientes de suas observações de campo, a origem do Batuque tem por base a cidade de Rio Grande, por escravizados negros e seus descendentes procedentes do Nordeste brasileiro. De lá, o *Batuque*, também conhecido como *Nação*, surgiu entre 1833 e 1859, expandindo-se para Pelotas. Este culto é visto como uma das manifestações mais genuínas das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, estabelecendo-se como um símbolo da influência cultural africana na área.

No que diz respeito à origem do *Batuque*, existem duas interpretações predominantes: uma atribui a uma escrava vinda diretamente de Recife; outra não o vincula a um personagem específico, mas a etnias africanas que o construíram como um local de resistência simbólica à escravidão. Segundo Oro (2002) e Corrêa (2006), o *Batuque* foi introduzido e difundido pelo príncipe Custódio de Almeida, da *nação Jêje*, cuja influência foi crucial para a sua disseminação.

O *Batuque* é formado por cinco nações distintas: *Jêje*, *Ijexá*, *Oyó*, *Cabinda* e *Nagô*; embora haja diferenças na forma de cultuar os *òrìṣàs*, eles estão presentes em todas. *Bàrà*, *Ògún*, *Yánsàn/Oyá*, *Şàngó*, *Olóṣe*, *Òtin*, *Obà*, *Òsànyìn*, *Şápánnà*, *Oşun*, *Yemojá* e *Òsàlálá* são os *òrìṣàs* mais venerados. Para os *batuqueiros*, "os orixás são representações das forças da natureza e de tudo que existe no mundo" (Oliveira, 2021).

Os *òrìṣàs*, divindades centrais no *Batuque*, simbolizam a força e o controle dos elementos naturais, além de estabelecer os princípios cósmicos que orientam e modelam, tanto a existência humana quanto a universal. Cada *òrìṣà* possui uma característica única, que pode ser interpreta-

da como um arquétipo que representa determinados comportamentos, valores e elementos da vivência humana.

Na cosmovisão batuqueira, entende-se o sagrado como uma ligação intrínseca com a natureza, com o *òṣẹ* (associado à energia vital e à espiritualidade que permeia o universo) e respeito mútuo aos seres vivos (vivos e espirituais). O sagrado, no *Batuque*, é imanente, ou seja, está presente na própria vida, nos corpos, nos alimentos, nos elementos da natureza e nas relações que se estabelecem entre os seres. Uma cosmovisão diferente de estar no mundo e resistir ao tempo; perspectiva contrária ao eurocentrismo colonial.

A educação que os *òrìṣàs* oferecem além de ser intelectual e teórica; também é vivencial e profunda. Cada *òrìṣà*, com seus arquétipos e características, guia os indivíduos em sua jornada de autoconhecimento, equilíbrio e transformação, promovendo a individuação, onde a pessoa se torna mais plena e consciente de si.

Em campo, percebe-se a importância que os *òrìṣàs* têm para à Educação e na formação, apresentados nas suas diversas qualidades, atributos e ensinamentos que são fielmente cultuados por nós, batuqueiros. Para a Educação, os *òrìṣàs* são figuras importantes que inspiram comportamentos, como a valorização da natureza, relações de interculturalidade, princípios éticos, trabalho coletivo, símbolos de virtudes e empatia. São verdadeiras narrativas ancestrais e pedagógicas que nos permitem enxergar o mundo natural, social e espiritual à partir de uma cosmovisão africanizada.

Partindo do princípio de que os saberes tradicionais não se separam da vida cotidiana, o *Batuque* se revela como um espaço onde corpo, território e memória se entrelaçam em rituais que educam, curam e formam. Os relatos orais, a escuta dos ancestrais e o engajamento dos corpos em ritos e obrigações religiosas constroem uma epistemologia própria, em que o conhecimento não se transmite por vias meramente discursivas, mas por vivências, experiências sensíveis e relações de pertencimento.

Dialogar com o *Batuque* enquanto pedagogia é reconhecer a existência de outras formas de aprendizagem — plurais, simbólicas e espiritualmente orientadas — que foram historicamente marginalizadas por um projeto de modernidade colonial, branco-europeizado e monocultural. Ao assumir uma escuta atenta às vozes dos terreiros, abrimos espaço para uma educação comprometida com a pluralidade epistêmica, com a dignidade das tradições afro-brasileiras e com a valorização das cosmovisões que nelas habitam.

Assim, a proposta deste estudo não é apenas descrever ou representar o *Batuque*, mas propor permitir-se ser afetado por ele, aprendendo com seus modos de ensinar o mundo, suas relações com o sagrado e sua filosofia do existir. O terreiro, nesse sentido, se afirma como lugar de produção de saberes que são, ao mesmo tempo, políticos, espirituais e educativos.

Compreendemos que, no *Batuque*, a interculturalidade pode ser dialogada com o pensamento de Panikkar (2006). Nem todas as iniciativas de exercer a interculturalidade dão certo e muito menos nascem da boa vontade de um saber dominante em dialogar com o outro. Ela surge a partir

de uma necessidade de compreender o próximo e se compreender como humano, que muitas vezes nasce da insistência do outro em existir, mesmo sob apagamentos. O *Batuque*, nesse sentido, é insurreição — memória viva que não se deixou domesticar pelo tempo colonial. Ao tocar os tambores, na reverência aos *òrìṣàs*, palavra dos griôs, carregados da força ancestral, e a oralidade iorubá nos permite escutar o invisível, escutar o ancestral, escutar o que não se traduz, apenas se vive. O *Batuque* propõe-se uma perspectiva de vida que rompe com as epistemologias eurocêntricas e colonizadoras, assim valorando os saberes populares e ancestrais. A interculturalidade como linha tênue entre o viver e o ancestral.

Dessa forma, “a interculturalidade é, portanto, um caminho necessário para rompermos a bolha eurocêntrica, responsável pela afirmação da racionalidade moderna-colonial.” (Bergamaschi; Menezes; Menezes, 2024, p.7). Trata-se de um movimento que rompe com o vazio intercultural e nos conduz ao campo de escuta do pensamento negro, quilombola e popular em nossa América negada, em que nos esforçamos para fortalecer e aprender em nossa própria terra (Menezes; Moretti, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Batuque; Òrìṣàs; Educação; Interculturalidade.

Referências

CORRÊA, Norton Figueiredo. **O Batuque do Rio Grande do Sul:** Antropologia de uma religião afro-rio-grandense. 2. ed. São Luís: Editora Cultura & Arte, 2006.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MENEZES, Ana Luísa Teixeira de; MENEZES, Magali Mendes de. Metodologias insurgentes de pesquisa: o pensamento indígena em diálogo. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 1-12, mai./ago. 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/142136>. Acesso em: 02 out. 2025.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; MORETTI, Cheron Zanini. Aprendendo com os Guarani: geocultura através do ensino, pesquisa, extensão na universidade comunitária. **Sinergias – Diálogos educativos para a transformação social**, Coimbra, n. 6, p. 25–38, jan. 2018. Disponível em: https://sinergiased.org/wp-content/uploads/2018/02/sinergias6_19_02_pag29_42.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de.; GOMES, Denis Pereira; SCHERER, Jovani de Souza. **Histórias de batuques e batuqueiros:** Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. [livro eletrônico]. Pelotas, RS: Ed. dos Autores, 2021.

ORO, Ari. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, p. 345-384, out. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eea/a/MHgZxZM6Nw5qzMqZHy7dQg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2025.

PANIKKAR, Raimon. **Paz e interculturalidad: Una reflexión filosófica.** Barcelona: Herder, 2006.